



As lembranças mais marcantes dos viajantes e os detalhes do cronograma para 2018. PG C6-C7

CIDADES

C RIO NEGRO



Fotos: Yan Boechat



Turistas apreciam a vista do alto da Serra do Traíra

Projeto pioneiro em Terras Indígenas leva turistas para conhecer os povos das Serras Guerreiras de Tapuruquara

Uma outra Amazônia

LUCIANO FALBO
luciano.falbo@acritica.com

Quem conhece a Amazônia a partir de Manaus, do seu entorno ou das tradicionais rotas do rio Solimões/Amazonas certamente vai ficar impressionado com o cenário encontrado nas regiões do Médio e Alto Rio Negro.

Entre as cidades de Santa Isabel e São Gabriel da Cachoeira, norte do Estado do Amazonas, uma Amazônia ainda pouco habitada e muito pouco agredida pela urbanização.

Neste trecho, composto por um verdadeiro mosaico de reservas ambientais e indígenas, a natureza é soberana. Ela é quem dita o ritmo de vida dos povos e que a cada nova faceta tira o fôlego dos que estão de passagem, como no nosso caso.

É um mundo em outros tons, onde prevalecem o verde da mata, o caramelo escuro do rio, o branco das praias e o céu que, antes de converter-se do azul-claro, oferece diariamente um verdadeiro espetáculo no entar-

Origens

Os antigos contam que essas serras alinhadas eram um grupo de guerreiros que desceu da Colômbia para travar uma batalha contra uma serra do outro lado do rio. Amanheceu e os guerreiros viraram pedra e ali estão até hoje. É nesse território sagrado vários povos que a viagem acontece.

decer, com uma esplêndida variação de cores que dão boas vindas às noites tropicais.

O sobe e desce das águas faz surgir inúmeras praias e pedras ao longo do rio, muito mais do que pode ser encontrado nas proximidades da foz do Negro, em Manaus. O trecho também tem muitos morros, formações geológicas que não são vistas nas partes mais ao sul da região



Modo de vida guiado pelo tempo da natureza é dos atrativos aos visitantes

amazônica. As pedras e os morros ficam mais frequentes, e maiores, à medida que se avança sobre o rio rumo a São Gabriel.

A certo ponto, as montanhas começam a formar serras, que reforçam o aspecto singular do lugar e que são completamente desconhecidas para muitos amazônidas, inclusive os urbanos.

Algumas dessas serras estão enraizadas na tradição oral dos povos que habitam essa parte da Amazônia como lendas. Elas serviram como mote para a implantação de um projeto turístico de base comunitária pioneiro em comunidades indígenas ribeirinhas, que oferece ao visitante – além de toda oportunidade de contemplação da paisagem e de aventuras, como trilhas e subida de morros – uma verdadeira imersão no modo de viver dessa gente, que vê na atividade uma forma de gerar renda e de fortalecer a conservação, ante os interesses predatórios.

Nesse lugar paradisíaco que é lar de várias etnias indígenas, povos acolhedores e que historicamente foram explorados e ao

mesmo tempo ignorados pela dita civilização, o projeto Serras Guerreiras de Tapuruquara está sendo desenvolvido e se consolidando como modelo para outras atividades de turismo de base comunitária em Terras Indígenas.

Nesta edição, a CRÍTICA mostra algumas das experiências vivenciadas na expedição "teste" do projeto, que, no fim do ano passado, levou os primeiros turistas pelos dois roteiros elaborados para as visitas. Novas expedições do projeto, desta vez "pra valer", estão previstas para serem realizadas entre agosto e dezembro.

A iniciativa do projeto partiu dos ribeirinhos e foi viabilizada e executada pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), Associação das Comunidades Indígenas e Ribeirinhas (Acir) e pelas organizações não-governamentais Instituto Socioambiental (ISA) e Garupa, com o apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai) e das prefeituras locais.

***O jornalista viajou a convite do Instituto Socioambiental**

Viagem de quase 10 dias em pequenos barcos pode ser feita descendo ou subindo o rio

Roteiros de aventura e cultura

Foram quatro viagens realizadas na expedição piloto, em grupo de 10 turistas, cada, em dois roteiros distintos de nove dias: um descendo o rio de São Gabriel até Santa Isabel (Iwiterá, serras em nheengatu) e o outro fazendo a rota contrária, subindo o rio (Maniaka, mandica em nheengatu). Cinco comunidades das 13 comunidades da Acir foram visitadas, três por roteiro. O roteiro Iwiterá tem perfil mais de

aventura, com mais trilhas, por exemplo, e o Maniaka é mais cultural, mas ambos oferecem opções diversas dos dois perfis.

A CRÍTICA participou de uma das viagens do roteiro Maniaka. A expedição começa de fato a partir de Manaus, onde os turistas vindos de várias partes do Brasil se encontram com os representantes do ISA e da Garupa. Dois argentinos participaram da viagem para co-

nhecer o "Serras Guerreiras" com o objetivo desenvolver um projeto nestes moldes na região do Chaco.

De Manaus, o grupo segue de avião fretado para Santa Isabel do Rio Negro (roteiro Maniaka) ou São Gabriel da Cachoeira (roteiro Iwiterá). Após isso, a viagem segue de voadeira até a primeira comunidade. As viagens seguintes as demais comunidades, descendo ou subindo o rio, também são de voadeiras, até

São Gabriel, no caso do roteiro Maniaka, e Santa Isabel, no Iwiterá).

Ao chegar nas comunidades, após a recepção dos ribeirinhos, os visitantes são apresentados ao alojamento, construídos cuidadosamente para abrigar várias pessoas em redes. São nelas que os turistas dormem após um dia de várias programações.

Continua na C3, C6 e C7.



Cenários paradisíacos com mistura de cores da natureza impressionam os turistas

TURISMO COMUNITÁRIO

Atividade tem despertado os indígenas para a valorização de suas tradições, massacradas pela colonização

Resgate cultural como efeito

LUCIANO FALBO
luciano.falbo@acritica.com

A colonização distanciou muito os povos indígenas da região de sua própria cultura. As comunidades, cujo modo de vida é muito parecido ao de caboclos ribeirinhos de outras partes da Amazônia, são multiétnicas. Nelas vivem, entre outros, Tukanos, Dessanos, Baniwas, Tarianos e Barés, que são maioria.

Seo Simpício Braga carrega no sobrenome a marca da colonização portuguesa. Aos 69 anos, o morador mais antigo da comunidade de Aruti convive com a tristeza de não ter aprendido a língua do seu povo, o Baré. "Meu pai dizia: se eu for falar Baré com vocês, como vão aprender a falar a língua de branco, que só fala a língua deles?", relatou.

"Ele dizia: se vocês não aprenderem o português, na escola não vão aprender direito as coisas, vão se atrapalhar em tudo", completou Simpício, que, apesar da perda da língua nativa, é um entusiasta das tradições Baré. Entusiasmado que ficou mais forte depois que ele passou três anos trabalhando com o lendário padre alemão José Schneider no rio Cauris, ao norte de Santa Isabel, junto aos Yanomami, em uma missão Salesiana.

"A língua deles é mais difícil de falar", relembra ele, que é fluente em nheengatu (língua geral de raiz Tupi) e que começou a trabalhar para a

“
Meu pai dizia: se eu for falar Baré com vocês, como vão aprender a falar a língua de branco, que só fala a língua deles?
”

Simpício Braga
Etnia Baré, 69 anos

missão aos 17 anos. "Eles (os Yanomami) são amigáveis. Lá eles não perderam tanto a cultura como nós, índios aqui do beirão do rio Negro", ressaltou o anfitrião.

Mais recentemente, com a implantação do projeto de ecoturismo na comunidade, ele tem visto o interesse dos mais jovens pelas tradições crescer. Simpício Braga então, reuniu vários casais mais novos e começou a ensinar as duas danças mais conhecidas da etnia, o Mauaka e o Abacuri, o que tem se transformado em uma atração aos visitantes nas expedições.

Filha de seo Simpício, a professora Clarice Braga explicou que todos sabiam que as danças existiam. "Mas com a chegada da tecnologia, os mais jovens não quiseram saber muito disso. Ai, quando fizemos esse



Simpício conta que o pai não deixou ele aprender a língua nativa com medo de que ele não se integrasse ao mundo 'dos brancos'

projeto de turismo, isso ajudou a resgatar". A intenção, disse ela, não só voltar a fazer a dança "para turista ver", mas também nos casos de grandes colheitas, nascimentos e casamentos, como no passado.

Nesse sentido, a antropóloga Camila Barra, do ISA, avalia que o turismo de base comunitária tem impacto positivo. "A cultura está ali. Um dos desafios é dos jovens aprenderem, sentirem orgulho e a diretoria da associa-

ção (Acir) pensou nisso ao propor o turismo de base comunitária, de que as comunidades tivessem uma atividade que promovesse não só a geração de renda, mas sobretudo essa valorização da cultura", observou.

Para a coordenadora da Garupa, Paula Arantes, esse tipo de turismo é capaz de "encantar os dois lados", ao mostrar para os urbanos visitantes o quanto é possível viver integrado à natureza, com qualidade de vida e

para comunitários visitados, que muitas vezes têm no imaginário que a vida na cidade é melhor, o quanto os turistas se maravilham com a vida em meio à floresta. "Isso melhora a autoestima deles, faz eles valorizarem coisas que nunca tinham prestado a atenção, faz com que tenham mais orgulho e vontade de estar lá, pois, além das belezas e apesar das dificuldades, é um lugar onde não passam fome e nem violência", disse.

Personagem

João Vieira
Brasão
Professor e guia turístico do projeto



Morador da comunidade São João 2 há 25 anos, seo João Vieira Brasão, 57, diz que a maioria dos ribeirinhos da região tinha vergonha de dizer que era indígena por causa do preconceito, o que só mudou com as demarcações a partir dos anos 1990. "Ser índio é sinônimo de atraso para muitos ainda", diz ele, ao trazer parte da responsabilidade pela perda cultural ao encantamento com o mundo fora dali. "Muito do que tínhamos acabou. Muitos não aprenderam nem fazer tipiti. Só querem pescar de malhada, não querem flechar, aí pesca mais do que precisa. Pra quê? Se hoje já tem, amanhã vai pescar de novo", disse ele, que incentivou a volta da prática de fazer cerâmica em sua comunidade. "Essa experiência está sendo muito boa. Eu não tinha o conceito deste tipo de turismo e fui atrás. Antes, nós tivemos experiência de pesca esportiva, mas o pessoal não respeitava as comunidades, ia pescar onde não devia e então a gente não quis mais. Agora, nesse modelo é diferente".

Proposta de fazer o turismo partiu dos comunitários, que buscaram auxílio técnico em entidades do terceiro setor

Iniciativa dos próprios ribeirinhos

Nas Terras Indígenas, os territórios são compartilhados e a gestão deles também. Um discurso corrente entre os comunitários da região coberta pela Acir é de que não dá para esperar muito que o poder público se mobilize para fazer algo em prol da melhoria de vida deles. Por isso mesmo eles tomam iniciativas e correm atrás de apoios em entidades que abraçam suas causas. As coisas por lá são assim desde antes da Constituinte de 1988, cujos direitos aos indígenas foram assegurados graças à pressão de povos organizados, entre eles os do Alto e Médio Rio Negro.

Para desenvolver o projeto das "Serras Guerreiras", as 13 comunidades envolvidas tiveram que decidir e a maioria aprovou a ideia, como contou a presidente da Acir, Cleocimara Reis Gomes, da comunidade Catucho, a maior da região.

"Queríamos desenvolver al-



Resgate das danças tradicionais é um dos efeitos positivos da nova atividade

guma atividade que gerasse renda por aqui, mas depois que tivemos algumas experiências ruins de pesca esportiva por aqui, em votação, a maioria das 13 comunidades escolheu experimentar o turismo", disse. "Então, depois que ficou decidido

pela maioria, fomos articulando, atrás de parcerias e de conhecer trabalhos para construir esse projeto. Tivemos apoio da Foirn, da Funai e do ISA, que apresentou para a gente a Garupa", completou.

A coordenadora da Garupa,



Alojamentos são preparados cuidadosamente e possuem até energia (duas horas por dia)

Paula Arantes, explicou que todas as decisões foram dos comunitários e que as ONGs apenas deram suporte técnico para realizar a atividade. "Toda decisão foi tomada por eles, primeiro de ter o turismo, depois o que fazer com o turista, o que eles

não querem que o turista faça, quais são os limites, as atividades que eles gostariam de mostrar, os lugares que eles não querem mostrar, as datas que eles querem ou não receber".

A antropóloga Camila Barra, do ISA, ressaltou que esse tipo

de turismo já é um desafio por si e que desenvolvê-lo na Amazônia é mais difícil por conta do custo logístico, e dentro de Terras Indígenas é ainda mais desafiador. "Primeiro é preciso fazer um projeto que se sustente, que se pague. Já a logística faz com que se tenha um público para um roteiro caro. Para além disso, há a gestão financeira disso, criar condições para que essa iniciativa econômica esteja sob a governança das comunidades".

Na concepção do projeto, comunitários e os representantes das entidades envolvidas tiveram a preocupação de não deixar as comunidades dependentes dos recursos advindos das visitas, nem que elas acabassem por alterar significativamente a rotina dos ribeirinhos.

As próprias comunidades decidem como dividir o dinheiro recebido pelas expedições: ou dividem entre aqueles comunitários envolvidos diretamente ou este vira um recurso que custeará algo coletivo. De qualquer forma, a maior parte do valor arrecadado acaba sendo aplicado em algo que beneficiará todos.

Dia de Aprender BRINCANDO

www.laviniense.com.br - atendimento@laviniense.com.br

92 3236.0000 | 3236.0017 | 3236.0108

Rua Galícia, Nº 34, Adrianópolis - Manaus - AM

Centro Educacional Pingo de Gente
Laviniense Ensino Integrado

@pingoelaviniense

C SERRAS GUERREIRAS

Seleção para participar das viagens é criteriosa para respeitar as denfições dos ribeirinhos, que gostam do

Novas expedições

LUCIANO FALBO
luciano.falbo@acritica.com

A seleção dos visitantes é criteriosa. A coordenadora da Garupa, Paula Arantes, explicou que é necessário balizar as expectativas dos interessados em participar da expedição.

"Tomamos o cuidado de mostrar que ali eles não ia ver índio nu, por exemplo. E a escolha das pessoas foi muito em função das definições dos próprios ribeirinhos", disse Paula. "Eles tinham a insegurança de 'ah, se um cara solteiro vem e se engraça, com as meninas', ou se tem algum tipo de violência, o que eles não têm por ali. Então, a gente fez um questionário, buscando muitas referências das pessoas interessadas e, com muitas, fiquei mais de uma hora conversando por telefone", contou.

O preço, disse ela, ficou dentro do mercado, cerca de R\$ 5 mil por pessoa, que é mais ou menos o que é cobrado para outros roteiros de turismo comunitário e os valores que são pagos às comunidades pelos serviços, como hospedagem, guia e alimentação, também é similar.

A avaliação dela é de Camila Barra é que o projeto deu certo, e que os ajustes são necessários e naturais. A expedição teste serviu para isso.

Os indígenas também aprovaram o trabalho. "Eu tenho gostado muito. Estamos conhecendo pessoas diferentes. Acho que veio para ficar",



Yan Boechat

Do alto das serras é possível fazer belíssimos registros fotográficos

Turistas de um dos roteiros da expedição piloto contam sobre o que mais marcou durante os dias de viagem

Experiência humana profunda

As belezas naturais vistas durante as trilhas, canoas e banhos nas praias são os atrativos que chamam a atenção imediata dos visitantes. Com o passar dos dias, no entanto, a imersão no modo de vida do povo e a interação com ele provocam experiências ainda mais marcantes aos "de fora" e os comunitários também. A experiência humana prevalece.

Para Mariana Inglês, o que ficará marcado nas lembranças são as pessoas que ela conheceu. "Lembro da risada do seu João e da forma paciente com a qual ele respondia todas as minhas perguntas. Lembro do som das crianças rindo e correndo para pular no rio, seguido do som da água espirrando. Lembro do Janilson me contando sobre as Serras Guerreiras e da força dona Adalvina contando como foi difícil cuidar da roça para manter seus filhos", recorda.

Pedro Kelson, namorado de Mariana, diz que as maiores lembranças

ficaram em seu corpo. "Ou seja, em como a experiência mudou meu comportamento. Tem comportamentos que são tão naturais para mim que eu nem percebo. Mas no contato com essas pessoas, pelo fato de não serem naturalizados para elas, ficaram super evidentes. Por exemplo: quando eu pergunto e falo. Esses povos são mais silenciosos. Aprendem observando e não perguntando. O processo de aprendizagem é diferente. Se eu aprendo com eles a ficar mais quieto e a observar mais, eu aprendo a aprender de outras formas e isso amplia o meu repertório", destaca ele.

A hospitalidade e receptividade foi marcante durante toda a expedição. A antropóloga Camila Barra observa que a reciprocidade característica muito especial da região. "Ela está na base destas relações e por isso garante uma vocação das comunidades de receber tão bem seus visitantes, de oferecer o que tem de melhor. Todo mundo dá e, assim, todo mundo recebe", observa.



Arnaldo Franken

Imersão na culinária repleta de peixes e com base no Sistema Agrícola do Alto Rio Negro foi outro ponto alto da expedição

Paula Arantes diz que a maior recompensa desse trabalho é o sorriso no rosto das pessoas depois que acaba. "Como muda a cara das pessoas",

ressalta. "É bom para os dois lados, mostra como somos iguais, desperta a compaixão, o sentido de coletivo que a gente perdeu na cidade. Ve-

mos que do lado dos comunitários não há ganância, para eles o mais importante é mesmo esse contato, essa troca. É uma experiência profunda".

Um 'detox' da rotina urbana

Só a experiência de ficar dez dias literalmente desconectados (sem sinal de internet e celular) já era um sonho do casal Walter Boechat e Cláudia Miranda. "Foi uma desintoxicação total. Ter esse contato com essa natureza exuberante, essas praias maravilhosas, paisagens lindas foi um presente", contou Walter.

Cláudia se encantou com as crianças. "Como elas são educadas!", ressaltou ela. "Também fiquei impressionada com a honestidade, a pureza, educação, gentileza, a inteligência e a saúde deles. Eles são muito articulados se expressam muito bem no português.

Eles ficaram sabendo da expedição por meio da internet. "Eu sigo a página do ISA nas redes sociais e recebo, emails também", disse Walter.

REDUÇÃO DOS GASTOS COM COMBUSTÍVEL

RASTRON PROTEGE

(92) 3236-4565
www.rastron.com.br
Av. Prof. Nilton Lins, 3798 | Flores

RELATÓRIOS COM CONTROLE DE QUILOMETRAGEM PERCORRIDA, ROTAS, VELOCIDADE E MUITO MAIS.

DESENVOLVEMOS PROJETOS CUSTOMIZADOS CONFORME SUA NECESSIDADE A PARTIR DE ANÁLISE DE VIABILIDADE.

CONTROLE DA JORNADA DE TRABALHO DOS MOTORISTAS

NOTIFICAÇÃO DA ENTREGA DE CARGA

PLANO DE MANUTENÇÃO PREVENTIVA DE VÁRIOS ÍTEM DE VEÍCULOS, MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS.

DIMINUIÇÃO DAS INFRAÇÕES DE TRÂNSITO DEVIDO AO CONTROLE DE VELOCIDADE.

intercâmbio e fazem um chamado especial aos interessados

neste ano

Acesse o site

O site do projeto, <http://www.serrasdetapuruquara.org>, tem todos os detalhes e o questionário para se inscrever na seleção para participar das expedições. Nele também há detalhes dos roteiros, datas e preços, além de outras fotos da região a ser visitada.

disse Janilson Manoel Rodrigues, 37.

"Eu nunca tinha ouvido falar do ecoturismo, muita gente não queria porque não sabia como era, pensava que era para maltratar animais, mas depois explicaram e viram que era bom", disse. É uma troca muito boa, você aprende palavras novas, eu sou muito curioso, e ensina também", contou. Se dependesse dele, contou sorrindo, ficaria direto como guia, mas tem que dar espaço aos outros, reconheceu.

O professor Alessandro Cruz, 28, vice-presidente da Acir, fez um convite para quem quiser conhecer a região: "Aqui as pessoas já acordam sorrindo e vão dormir sorrindo. Aqui não tem tristeza. Quem vier conhecervi vai sair mais animado, mais alegre do que veio

e fortalecido para enfrentar o dia a dia da cidade, volta renovado, do zero, com força extra para enfrentar um cotidiano que é bem diferente do nosso", ressaltou.

As afirmações de Alessandro podem ser comprovadas nos relatos que os visitantes deixam em um caderno (cada comunidade tem o seu), assim como os relatos dos visitantes do roteiro ao qual a CRÍTICA participou: a experiência humana é o mais marcante da expedição.

Na última semana, a Garupa divulgou que estão abertas as inscrições para a temporada 2018 do projeto, que tem expedições marcadas para agosto, setembro, novembro e dezembro.

Mais detalhes podem ser encontrados no site www.serrasdetapuruquara.org.

Confira os roteiros e datas:

ROTEIRO IWITERA (10 DIAS): SAÍDA DE MANAUS EM 17/08, 14/09 E 02/11.

ROTEIRO IWITERA (13 DIAS): SAÍDA DE MANAUS EM 23/11.

ROTEIROS MANIAKA (08 DIAS): SAÍDA DE MANAUS EM 26/08, 23/09 E 11/11.

ROTEIRO MANIAKA (12 DIAS): SAÍDA DE MANAUS EM 05/12.



Centenas (talvez milhares) de praias se formam ao longo do rio neste trecho



Cláudia ficou impressionada com a educação das crianças, que não fazem birra



Raissa e Pedro também interagiram muito com as crianças de todas as comunidades

GOLEADA DE OFERTAS

	MECHAS NA TOUCA, MATIZAÇÃO, DESINTOXICAÇÃO, NANOQUERATINA, ARGAN [...] de: 600 Por: R\$ 129,99 Alvorada I		TRATAMENTO REJUVENESCEDOR FACIAL PARA RUGAS, LINHA DE EXPRESSÃO E OLHEIRAS de: 150 Por: R\$ 90,00 Alvorada I
	CPR, CORTE BORDADO, ESCOVA E CHAPINHA de: 300 Por: R\$ 99,99 Betânia		PEELING QUÍMICO MANDÉLICO, DIAMANTE, PEELING DE HORTELÃ, VITAMINA C, MASSAGEM FACIAL [...] de: 130 Por: R\$ 39,99 Aleixo

Acesse **meutambagui.com** e compre seu cupom pelo **PagSeguro ou Boleto**

site 100% SEGURO